

Editorial 50 anos¹

Ser editora do *Jornal de Psicanálise* no seu aniversário de 50 anos é uma honra, e, ao mesmo tempo, uma responsabilidade e oportunidade de reafirmar sua importância como publicação científica vinculada ao Instituto “Durval Marcondes” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, a sua presença na história do Instituto, na da SBPSP e na psicanálise brasileira no âmbito da IPA. O *Jornal*, depois do primeiro número da *Revista Brasileira de Psicanálise*, em 1928, é a publicação mais antiga que nossa instituição mantém viva.

Ao conceber este número comemorativo, a equipe editorial fez um amplo levantamento de quem foram seus editores, sua equipe técnica e procurou incluir todos os que dele participaram ao longo destes 50 anos para transformá-lo no *Jornal* que hoje conhecemos.

Dois conceitos nortearam a feitura deste número, o primeiro, de que a forma que mais representaria a gestão atual seria de comemorar os 50 anos com base em uma narrativa compartilhada da história do *Jornal*, dando voz aos seus editores, que generosamente forneceram seus depoimentos pessoais e escolheram o texto mais significativo da época, em sua gestão. Essa narrativa compartilhada, tal qual num retrato antigo, expõe traços que reconhecemos, outros sobre os quais temos dúvidas e alguns que nem sequer lembramos ou mesmo desconhecemos. Os 50 anos nos impelem a recordar e elaborar a nossa história.

O segundo conceito foi o de pensar o exemplar impresso como um documento histórico em si mesmo, por reorganizar registros com caráter histórico significativo, tais como a republicação do primeiro número do *Jornal*, a presença dos que nele trabalharam mostrada em registros fotográficos, entrevistas, vários artigos com reflexões importantes para cada época, mas que ainda hoje nos interrogam sobre a natureza de nosso ofício.

Não se trata de um trabalho científico de caráter historiográfico, mas de um testemunho histórico institucional por meio dos depoimentos de seus editores desde 1967 até 2011, no qual procuramos resgatar de maneira viva a memória desta publicação.

Pensamos que a melhor forma de comemorar é mostrar sua trajetória com uma visita ao número 1 do *Jornal*, republicado no original. Percebemos a importância da memória institucional, e recontar as experiências desses 50 anos é dar vida ao passado/presente.

O número de 2016 tem início com as palavras da atual presidente da SBPSP, Nilde Parada Franch, e da diretora do Instituto, Leda Herrmann, das quais tivemos todo o apoio e liberdade de trabalho neste tempo de gestão. A elas, o nosso profundo agradecimento pela confiança e colaboração.

1 Por ser um número comemorativo, não foi possível, na versão impressa, respeitar todos os requisitos que a indexação nos solicita. O número 1 do *Jornal* e alguns artigos foram republicados no seu formato original, como um documento de época.

O primeiro depoimento é de Antonio Luiz S. Pessanha, que conviveu com os pioneiros, presenciou muitos fatos importantes de nossa história, o qual homenageamos por sua presença ativa, empenho e entusiasmo nos primórdios do *Jornal*, quando, como ele diz, o *Jornal* era ainda uma publicação “artesanal” que implicava um árduo trabalho para vir a público. Pessanha participou da equipe editorial no ano de 1967, como candidato, e em 1969 foi convidado a ser redator-chefe, cargo que ocupou até 1972. O texto escolhido mostra “Terapia e psicanálise”, de Schlomann, tema que sempre esteve presente, e o interessante, ao ler o artigo sugerido por Pessanha no *Jornal* n. 1, é conhecer como essa temática foi pensada naquela época.

Em 1981, temos a gestão da Fajga Sterling² e a coeditora Ana Maria Azevedo, que, em seu depoimento, nos chama a atenção sobre a importância do trabalho de resgate da memória institucional. Ela escolheu o texto da colega Alicia Lisondo, na época, candidata, o que renova a importância do *Jornal* enquanto espaço possível de publicação da produção reflexiva e de pesquisa dos membros filiados.

Cada depoimento traz algum elemento importante, novo ou surpreendente da história do *Jornal*. Marcio Giovannetti, em seu relato, relembra que não existia ainda a figura do editor propriamente dito até 1988. O diretor científico, como era chamado quem editava o *Jornal*, era o secretário-geral do Instituto. A denominação “editor” surgiu em 1989. Ele ressaltou que não existia uma editoria com autonomia, isso demonstrava a vinculação estreita do *Jornal* à diretoria do Instituto. O *Jornal* era porta-voz oficial dos objetivos do Instituto, podemos concluir que na época não havia propriamente liberdade editorial tal como a conhecemos a partir da década de 1990.

Revisitando a história podemos supor que o *Jornal* deixou de ser uma publicação doméstica, como foi citado em vários depoimentos e editoriais, entre as décadas 1980 e 1990, quando deu um salto significativo que ultrapassou certa subordinação ao Instituto para alcançar uma voz editorial própria, que representava não só a diretoria do Instituto, mas também as diversas tendências que compunham a SBPSP. Essa é uma importante passagem da história do *Jornal* que aparece no depoimento de Marcio Giovannetti, sobre a gestão de 1983.

O mandato de Luís Carlos Junqueira teve início em 1985, e ele afirma, em seu depoimento, que suas memórias daquela época já estavam nubladas, relatando-nos, porém, um fato marcante na história do Instituto e da SBPSP: a atuação de Frank Philips, presente e atuante na Sociedade, como o principal responsável pelas vindas de Bion ao Brasil, na década de 1970. Isso representou uma marca profunda no ambiente institucional, na prática da psicanálise, portanto, uma lembrança que não poderia ficar sem registro. Philips, um psicanalista polêmico, muito amado e admirado por um grupo, e contestado, em parte, por outros, foi, sem dúvida, uma figura historicamente importante na SBPSP. A

2 A editora Fajga Sterling faleceu em 2003.

escolha do artigo de Philips representa uma linha de pensamento da psicanálise em nossa instituição.

No depoimento de Maria Olympia França e Elizabeth Rocha Barros percebemos que há o entendimento de que o *Jornal* passou por um momento diferenciado, em sua gestão de 1989. Elas falam de revigorar o *Jornal*, de estimular o interesse dos candidatos em publicar artigos, como se o *JP* tivesse se afastado de seu propósito inicial, que seria o vínculo com a formação e a escrita dos candidatos. Elizabeth conta como as traduções dos artigos de Melanie Klein foram importantes para a formação nessa época, tendo sido fundamental que o Melanie Klein Trust cedesse o *copyright* para podermos ter essas traduções no *Jornal*. A questão da tradução mantém-se ao longo dos 50 anos como algo fundamental, aparecendo de modos diferentes com artigos de autores estrangeiros ou clássicos, com o objetivo de dar subsídios para o Instituto. Essa gestão atravessou dificuldades financeiras devido à inflação na economia brasileira, o que fez com que o *Jornal* tivesse de restringir seu número de páginas. A escolha do artigo “Supervisão”, de Sonia Bracher, além de homenagear a colega, resgata sua pesquisa bibliográfica sobre um importante tema para a formação.

Em 1991, época de grande transformação editorial no *Jornal*, aconteceu a gestão de Luís Carlos Menezes:

embora estivéssemos fazendo já uma pequena revista, víamos nela uma função diferente [da] de uma revista científica. “Pequena e ágil” como a queríamos, podia ser um lugar para acolher assuntos de atualidade na vida da instituição, tratados com o cuidado que a escrita requer.

O período dessa gestão foi um ponto de inflexão no *Jornal*, nele ocorreram importantes mudanças que transformaram o caráter do *Jornal*. Nessa época, ele deixou de ser um espaço da produção existente, ou sobre a formação, para ser uma publicação com uma editoria atuante, que convidava a instituição a pensar problemas institucionais percebidos como demandas ou pontos de conflito. As cartas-convite lançavam temas físgados pela equipe editorial convidando todo o corpo societário à reflexão. O *Jornal* então ocupa um lugar de liberdade de reflexão sobre questões de fundo, tais como a análise didática e a análise condensada. Menezes escolheu a entrevista com o prof. Laplanche com o tema principal sobre ser ou não obrigatória a análise didática e suas regulamentações pelos Institutos; questão ainda atual na Sociedade, que passou por transformações até que a IPA admitisse a sua não obrigatoriedade como parte da formação oficial, enfatizando, porém, a necessidade da análise pessoal.

O *Jornal*, sob a coordenação de Menezes, passou a catalisar o movimento em direção a novas traduções da obra de Freud. Ocorria um seminário mensal sobre a tradução de Freud do alemão, atividade que se deu na Sociedade e que teve grande importância, envolvendo pessoas de dentro e de fora da instituição,

especialistas em tradução. Ao longo desse período, de acordo com Menezes, foram cuidadosamente publicados por volta de 15 textos.

Na continuação dessa gestão temos a presença de Liana Pinto Chaves, em 1993, como editora junto a Menezes. Ela fala sobre o ambiente amistoso em que se trabalhava no *Jornal*, e, principalmente, diz ela, no qual “pensávamos com gosto a psicanálise e suas questões”. Esse clima de trabalho em equipe aparece em vários dos depoimentos aqui publicados como uma lembrança agradável de tempos de esforço duro, mas muito prazeroso e construtivo. Ela assinala um aspecto fundamental do ato da escrita, quando diz que “a escrita é uma forma de autoanálise, talvez seu primeiro momento”.

Liana escolhe o artigo “Da escuta ao trabalho da escrita”, de Luís Carlos Menezes, texto que fala da função da escrita e traz um elemento que também é importante para o *Jornal*, a escrita para o psicanalista como atividade inserida na vida científica das instituições, ou seja, a que se dá com a participação publicando artigos, trabalhos ou colaborações no *Jornal*, uma forma de intervenção ativa no fortalecimento da instituição.

Sandra Schaffa fala sobre a condição da liberdade de pensar psicanaliticamente, como um problema fundamental na formação do analista. Essa é, para ela, uma questão que deveria ser formulada permanentemente por uma publicação como o *Jornal*, porque é a base sobre a qual pode surgir algo de novo e original. Só em um território da liberdade de pensar psicanaliticamente na instituição, tendo, no caso, o *Jornal* como esse *locus*, é que se faz a possibilidade de uma produção psicanalítica com vigor, viva, de interlocução com a cultura, com o mundo, que não seja uma condição de isolamento, de proteção, de salvaguarda, de algum tipo de psicanálise, mas, ao contrário, seja um espaço institucional, criativo e pensante.

Sandra, que teve sua gestão em 1995, escolheu o texto “Reflexões de menoridade: sobre a ética da formação psicanalítica”, de Fabio Herrmann, organicamente implicado na liberdade de pensar. Ela finaliza seu depoimento com uma síntese do espírito comemorativo deste número:

Cinquenta anos depois, *por ter produzido o que de fato veio a produzir*, reconhecemos no germe do espírito de liberdade, lançado por Virginia Bicudo, o seu caráter específico, *o seu sentido mais justo*, que a publicação ora celebra. (p. 110)

Vale a pena mencionar também um trecho do depoimento de Cecilia Orsini que fala sobre o objetivo principal de sua gestão, em 2001:

Nosso “*filé-mignon*” era articularmos os artigos do tema em tela com artigos de expressivos nomes da cultura. Nossa intenção era, ao mergulharmos no mundo, *sairmos renovados, enquanto psicanalistas em formação*, e jamais propor um exercício especioso de erudição. Sempre nos preocupou manter uma perspectiva

de liberdade, buscando constituir uma atmosfera contrária aos aspectos asfixiantes da formação. (p. 130)

Cecilia Orsini escolheu o texto “Ideologia e educação”, de Marilena Chauí, que faz todo o sentido com sua gestão e deu abertura para a publicação de nomes expressivos da cultura e das ciências humanas no *Jornal*. Esse artigo nos permite pensar sobre quais seriam as ideologias que permeiam os diferentes modelos de formação.

É importante lembrar que nessa gestão o *Jornal* passou a atender as exigências para a indexação de seus artigos em bases de dados.

Em 2005 dá-se o início da gestão de Leda Barone, em que tem continuidade o estilo de Cecilia Orsini, como ela mesma afirma:

procurando fazer do *Jornal* um veículo arejado que pudesse contribuir para a formação do psicanalista e aumentar o alcance do diálogo de nossa instituição com a cultura de forma ampla. Nesse sentido, uma preocupação que sempre nos animou foi transitar por caminhos que sustentassem o trabalho do analista diante do homem no mundo contemporâneo. (p. 145)

Leda Barone nos brinda com uma entrevista de Marcelo Viñar, da qual destaco o trecho a seguir, muito expressivo para este número comemorativo do *JP*:

Cada geração é uma promessa de novidade. O pior que pode fazer uma geração é somente parecer-se à precedente. A outra coisa ruim é não se parecer em nada à precedente. Então, eu acredito que a transmissão humana é um caminho de continuidade e rupturas. (Viñar, p. 160)

Na gestão de Leda ocorreu a indexação na base de dados CLASE, e preparou-se o *Jornal* para as indexações seguintes.

Em 2009 temos a gestão de Cândida Sé Holovko. Em seu depoimento ela fala da importância da diversidade do saber psicanalítico, aspecto fundamental de sua gestão, em que aparecem novos autores, existe a preocupação em publicar autores com outros pensamentos que não os das escolas mais clássicas. Em sua gestão teve início a publicação do que se chamou “Encontros reflexivos sobre formação”, série de entrevistas organizadas pela AMF.

Cândida escolheu a entrevista de Sonia Azambuja, sintonizada na sua preocupação com a diversidade de autores e, também, com outros temas, tais como a questão de gênero, o masculino e o feminino, temas do mundo contemporâneo na reflexão da formação.

Nessa gestão ocorreu a indexação na base de dados LILACS (Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde)

Em 2001 começa a gestão de Eunice Nishikawa com uma indagação fundamental: “Por que *Journal?*” Uma das respostas em seu depoimento é:

O *Journal* seria, nesse contexto, um dos desdobramentos da memória do psicanalista, na tentativa não só de ser um registro, mas também de permitir que a escrita ali publicada ganhasse nova vida ao ser revisitada e fosse ressignificada *a posteriori*, como parece ser a proposta deste número comemorativo de seus 50 anos. (p. 183)

Ela escolhe o texto “Fundamentação conceitual do currículo e da avaliação no processo de formação psicanalítica”, de Homero Vettorazzo Filho, que pensa a questão curricular incluindo em seu estudo o tema do ambiente institucional, o que reforça a ideia de que o *Journal* tem um importante papel enquanto território da liberdade de pensamento, reflexão, diversidade e possibilidades de psicanálise.

Finalizando os depoimentos, temos a seção “História da psicanálise” apresentando “*Journal de Psicanálise 50 anos: editoriais*”, um trabalho de reflexão da equipe, que leu todos os editoriais do *Journal* nesses 50 anos, discutiu e refletiu na tentativa de traçar as marcas, a memória, as mudanças no *Journal* que podem ser percebidas como uma forma de ressonância, mudanças que aconteciam também no Instituto e, indo além, na própria Sociedade. O que pudemos observar nos surpreendeu por revelar, em certo sentido, uma fotografia do percurso do *JP*, e isso foi muito interessante.

Na seção “Tradução” republicamos Marilene Carone com “Luto e melancolia” – a primeira proposta de tradução crítica de Freud, direta do alemão para o português –, pela importância do projeto tradução, que se mantém até hoje. Dessa forma, gostaríamos de resgatar, com esse texto, a primeira publicação tendo essa preocupação. Trabalho de uma colega que faleceu muito cedo, mas que teve grande importância na discussão sobre tradução, isso já em 1985.

As fotos mostram as mudanças das capas do *Journal*, os editores de 1966 a 1993, editores que faleceram, Samuel Titan, coeditor, também homenageado neste número, a equipe técnica e todas as pessoas que tornaram o *Journal* possível, nesses últimos 50 anos, fica aqui a homenagem e o agradecimento a essa colaboração fundamental. Lamentamos se eventualmente deixamos de citar ou incluir algum colega.

Vale lembrar as expressões usadas por alguns editores, que o chamavam de “radiografia”, “catalisador”, e a mais acolhida entre elas, “caixa de ressonância” da instituição. Aos 50 anos de vida, o *Journal de Psicanálise* é um relevante patrimônio psicanalítico, científico e da cultura de nossa instituição, nossos votos são para que continue assim por muitos e muitos anos.

JP, parabéns!

Marina Massi

Editora

jornaldepsicanalise@sbpsp.org.br